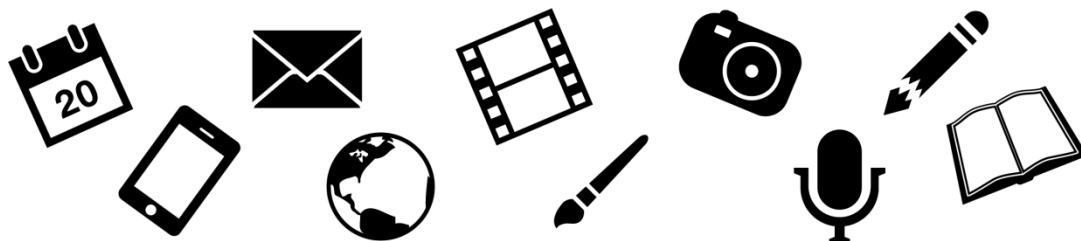




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

08 e 09 de abril de 2017

**Notícias do Dia
Cidade**
"Senegaleses ganham voz"

Senegaleses ganham voz / UFSC / Catedral Metropolitana / Florianópolis / Agressões / Ambulante / Kama Lô / Polícia Militar / Renato Cruz Júnior / Guarda Municipal / Maryanne Mattos / Janaina Santos / Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social / Universidade Federal de Santa Catarina

Senegaleses ganham voz

Protesto alertou para repressão violenta e encaminhou reunião na Câmara

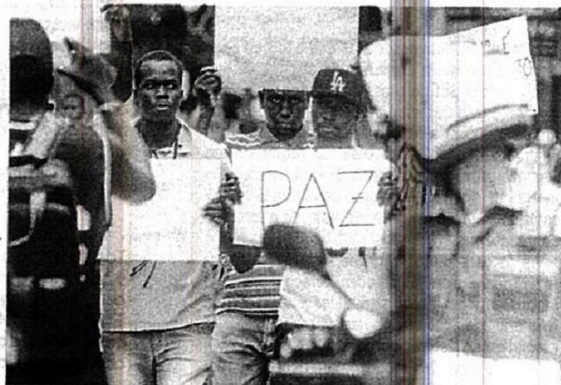
DARIELE GOMES
dariele.gomes@noticiasdojornal.com.br

Senegaleses que moram em Florianópolis se reuniram nessa sexta-feira no Largo da Catedral Metropolitana. Carazes traziam frases que demonstravam o amor deles pela cidade, mas também reclamavam contra agressões sofridas. O grupo, com cerca de 20 pessoas, também pediu apoio para a legalização do seu trabalho como ambulante. Uma reunião na Câmara de Vereadores, segunda-feira, tratará do assunto.

Os imigrantes senegaleses admitem que trabalham sem alvará. Eles pedem o incentivo para que possam ser regularizados como vendedores ambulantes. "Nós queremos trabalhar dentro da formalidade. Entendemos quando levam nosso produto, não entendemos as agressões. Éramos cerca de 100 senegaleses aqui, agora restam só 80", lamentou Kama Lô, 31.

Os imigrantes estão na cidade desde 2013. Vieram em busca de oportunidades. Porém, vêm relatando agressões por parte das forças de segurança. Um vídeo registrou uma dessas ações violentas. Conforme a Polícia Militar, o caso está sob análise interna na corporação. "Se houve erro, as atitudes serão tomadas", disse o comandante da 1ª Região, coronel Renato Cruz Júnior.

Outro vídeo mostra a Guarda Municipal usando spray de pimenta na repressão. O comando da corporação alega que as imagens não mostram todo o contexto da operação. "Fiscalizamos o comércio ilegal, não fizemos distinção", afirmou a chefe da Guarda, Maryanne Mattos.



Imigrantes caminharam por ruas do Centro da Capital sob escolta da Polícia Militar

Incentivo ao empreendedorismo

■ Para dar visibilidade à ação, o grupo de senegaleses fez uma passeata por ruas do Centro, do Largo da Catedral ao Ticen (Terminal de Integração do Centro). A caminhada teve a escolta da Polícia Militar. As questões levantadas pelos imigrantes serão discutidas em uma reunião na Câmara de Vereadores da Capital.

Uma das organizadoras do ato, a estudante Janaina Santos, do curso de pós-graduação em antropologia social da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), comemorou o

resultado da manifestação.

"Conseguimos marcar uma reunião para a próxima segunda-feira, às 15h, na Câmara de Vereadores. Teremos as partes envolvidas e talvez com a participação do Sebrae, para incentivar os senegaleses a serem microempreendedores individuais", antecipou Janaina.

A estudante analisa grupos de imigrantes, como senegaleses, sírios e haitianos. Entre as alternativas, feiras itinerantes de imigrantes e a regularização do trabalho da comunidade foram propostas.



“ Nós queremos trabalhar dentro da formalidade. Entendemos quando levam nosso produto, não entendemos as agressões. Éramos cerca de 100 senegaleses aqui, agora restam só 80.”

Kama Lô, senegales

**Notícias do Dia
Especial**
"Arte e consciência ambiental"

Arte e consciência ambiental / UFSC / Pintura / Escola de Ensino Básico do Muquém / Huber Arte Marinha / Parque Estadual do Rio Vermelho / Norte da Ilha / Animais silvestres / Consciência ambiental / Preservação / R3 Animal / Polícia Militar Ambiental / Fatma / Fundação Estadual do Meio Ambiente / Alexandre Huber / Cristiane Kolesnikovas / Laboratório de Mamíferos Aquáticos

Arte e consciência ambiental

Por meio da pintura, estudantes aprendem a defender animais silvestres

MICHAEL GONÇALVES
michael.goncalves@noticiasodia.com.br

Crianças do 5º ano do ensino fundamental da Escola de Ensino Básico do Muquém passaram a manhã de sexta-feira conhecendo o programa Huber Arte Marinha, no Parque Estadual do Rio Vermelho, no Norte da Ilha. Com o objetivo de despertar a consciência ambiental por meio da preservação dos animais silvestres, os estudantes participaram da pintura da sede da ONG (Organização Não Governamental) R3 Animal. O evento foi organizado pela R3, Polícia Militar Ambiental e Fatma (Fundação Estadual do Meio Ambiente).

Os estudantes foram orientados pelo artista plástico ambiental Alexandre Huber, de Santos (SP), que veio a convite da ONG. O artista, que tem o apoio das empresas Eucatex, Souza e Tigre, também será o responsável pela pintura de uma baleia franca em tamanho real na sala de exposição dos animais marinhos, que será inaugurada ainda neste semestre. "As crianças precisam conhecer os animais para preservá-los e a nossa intenção é a de desenvolver o espírito de preservação das espécies o mais cedo possível. São eles que serão responsáveis pela continuidade do projeto", destacou.

Sarah Vanessa de Souza, 10 anos, tem dois gatos e um cachorro e adora animais. Ela já conhecia o Parque do Rio Vermelho e revelou uma paixão especial pelas aves. "Fui pintar o gralha azul, que é um pássaro muito bonito. Mas eles ficam mais belos quando estão na natureza", disse.

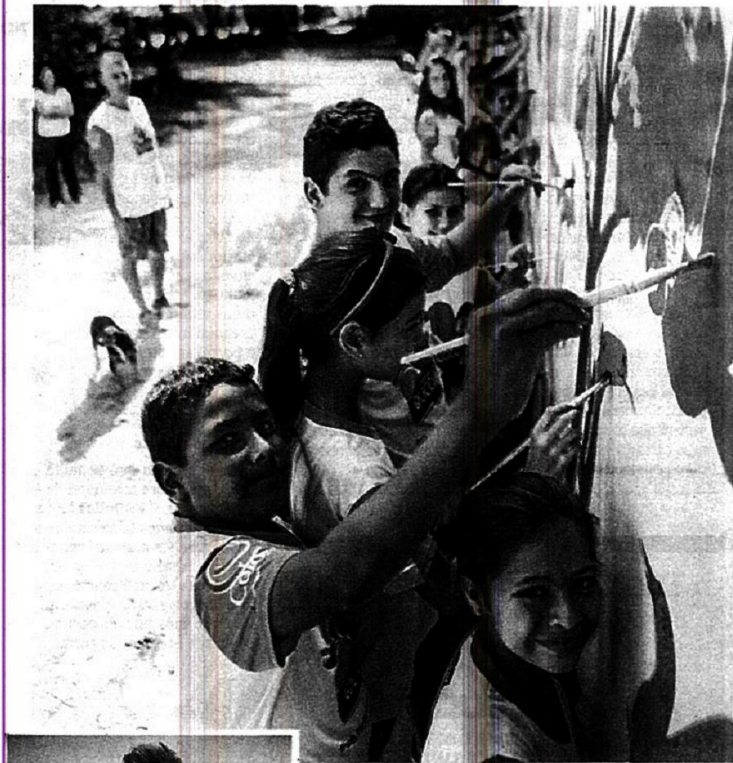
A presidente da R3 Animal, Cristiane Kolesnikovas, que promove o resgate, a reabilitação e reintrodução de animais silvestres em seu habitat, diz que o objetivo do programa é atender todas as faixas etárias. No parque estão os animais apreendidos em situação de tráfico, maus-tratos ou abandonados que não têm condição de voltar à natureza. ●

O QUÊ: Trilha do Rio Vermelho

QUANDO: De terça-feira a domingo, de terça a sexta, das 9h às 16h; sábado e domingo, das 10h às 17h

QUANTO: Gratuito

COMO FUNCIONA: As visitas são guiadas em grupos de até 30 pessoas a cada 30 minutos



FOTOS DANIEL QUEIROZ/NO

Orientadas pelo artista plástico Alexandre Huber, alunos da escola do Muquém pintaram a sede da ONG R3 Animal



Sarah gosta de ver os pássaros soltos

Réplicas de animais marinhos

■ A novidade no Parque Estadual do Rio Vermelho para este semestre será a sala de exposição de animais marinhos. O espaço reunirá réplicas e esqueletos, mas ainda não tem data confirmada para ser aberto. O projeto será executado em parceria com o Laboratório de Mamíferos Aquáticos da UFSC. "Temos réplicas de pinguins, lobos-marinhos, toninhas e tartarugas,

além de esqueletos de golfinhos, falsas orcas... Infelizmente, enfrentamos um grande problema com as tartarugas, que normalmente as crianças ganham de familiares quando elas são pequenas e depois abandonam quando crescem. São 150 tartarugas da espécie tigre d'água nessa situação", conta Letícia Zampieri, bióloga e responsável pela educação ambiental da R3 Animal.

Notícias do Dia Plural "Ser"

Ser / UFSC / Monja Coen Roshi / Florianópolis / Soto Shu / Zen Budismo / FICOO / Festival Internacional da Cooperação / Ritos de Despertar / Universidade Federal de Santa Catarina / Lala Deheinzeling / Terry Orlick / Cláudio Thebas / Cristiane Ker de Melo / Educação Física



Turismo ao

Monja Coen traz seus ensinamentos a Florianópolis em duas oportunidades em abril, a primeira já neste sábado

DARIENE PASTERNAK pasternak@noticiasdodia.com.br

A voz tranquila e vívida do outro lado da linha de telefone contrapõe com o padrão de vida acelerado, tenso, da maioria das pessoas. Não é possível ser de outra maneira? A Monja Coen Roshi, missionária da tradição Soto Shu - Zen Budismo, é um exemplo materializado do "sim". Ex-jornalista e ex-funcionária de banca, ela percorre o país em palestras para um mundo corporativo que tem necessidade de pensar em paz pessoal, e chega a qualquer um via canal no YouTube, o Mova, que divulga seus ensinamentos.

Ela estará em Florianópolis em dois eventos neste mês. Sua missão transcende o de divulgar o zen budismo, fala de relações de trabalho familiares, amorosas, do feminismo atual, enfim, do dia a dia. "As pessoas não estão em busca de espiritualidade, de uma religião. Eu diria, que elas procuram a tranquilidade. Como eu lido com as emoções, como lido com as exigências das empresas, do sucesso, da pressão, da vida particular, do filho? Budô já dizia que temos que conhecer a mente humana", pontua.

O FICOO (Festival Internacional da Cooperação), em que ela será conferencista, vem ao encontro do que ela mais defende. "Se nós não cooperarmos, nós vamos desaparecer. Temos que ser uma equipe, de confiança mútua, igual ao futebol. Não tem mais o

self made man", argumenta, sobre a capacidade que o ser humano precisa mais trabalhar: a de incluir.

Além das discussões atuais, fala do feminismo, de como as mulheres ainda sofrem com a discriminação e preconceito e lembra o recente caso do reunião entre a premiê britânica Theresa May e a premiê escocesa Nicola Sturgeon, que um tabloide inglês em vez tratar do encontro, ressaltou as pernas das mulheres. "É a visão masculina que não consegue ver que há equidade de inteligência e de habilidade", enfatiza.

Para pensar nas relações de trabalho, recomenda um filme a que assistiu na Netflix na semana passada, quando ficou de cama com um resfriado - sim, há Netflix e resfriados na vida monástica dela - "O Invasor Americano", do diretor Michael Moore, que mostra um americano "invadindo" outros países para "roubar ideias" de relações trabalhistas, de melhor educação, de tratamento de gênero.

Na respiração está o seu maior ensinamento, a técnica é "chave de ouro". Sugere de que as pessoas cheguem em casa e se silenciem antes de entrar nos afazeres domésticos. "Conheça esse equipamento, que você usa muito pouco, que é você. Corpo, mente e espírito, tudo é um só", convida a monja, para a viagem interior.



REPRODUÇÃO MONJA YOUTUBE/ DIVULGAÇÃO

O QUE: Ritos de Despertar

QUANDO: 24, 14h às 21h

ONDE: Hotel L. Campanário Village e Resort, av. dos Buzios 1780, Jurerê, Florianópolis

QUANTO: R\$ 45
R\$ 15 e R\$ 25

O QUE: Festival Internacional da Cooperação - FICOO

QUANDO: 20/4, 15h às 21h; 21/4, 9h às 21h; 23/4, 15h às 19h

ONDE: UFSC, Campus Trindade, Florianópolis

QUANTO: R\$ 50 para pessoa física e R\$ 20,5 para pessoa jurídica (Mais informações: www.ficoo.org e www.facebook.com/ficoofestivalprfbis)

O QUE: Ritos de Despertar

QUANDO: 24, 14h às 21h

ONDE: Hotel L. Campanário Village e Resort, av. dos Buzios 1780, Jurerê, Florianópolis

QUANTO: R\$ 45
R\$ 15 e R\$ 25

O QUE: Festival Internacional da Cooperação - FICOO

QUANDO: 20/4, 15h às 21h; 21/4, 9h às 21h; 23/4, 15h às 19h

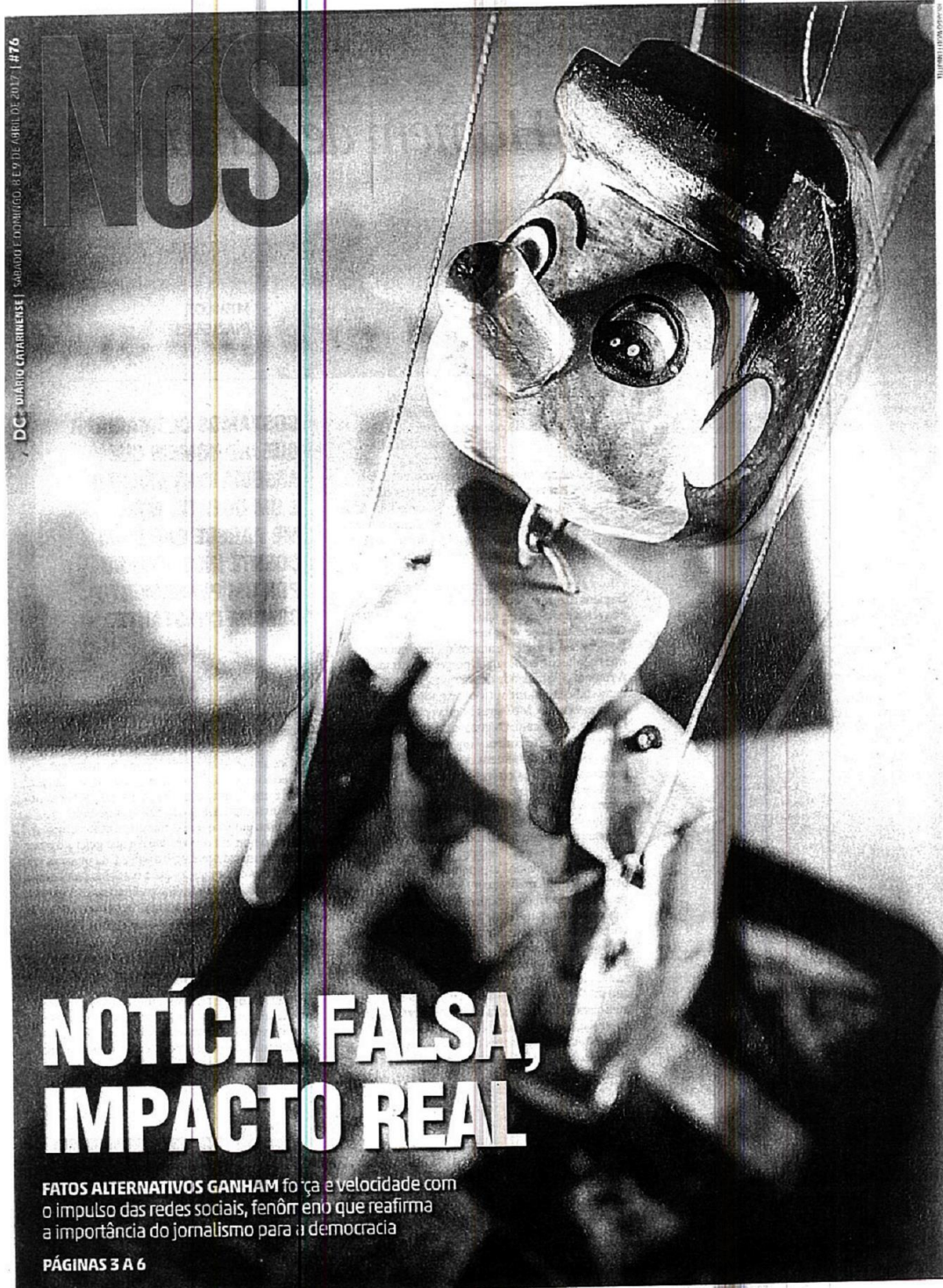
ONDE: UFSC, Campus Trindade, Florianópolis

QUANTO: R\$ 50 para pessoa física e R\$ 20,5 para pessoa jurídica (Mais informações: www.ficoo.org e www.facebook.com/ficoofestivalprfbis)

É a segunda edição do evento que vem a Florianópolis trazendo uma discussão presente em vários países, com profissionais como Lala Deheinzeling (Economia Criativa), Terry Orlick (Lugos Cooperativos), Cláudio Thebas (Escuta, Improvisação e Cooperação), entre outros. Como contraponto à prevalência da competição, ressaltamos uma outra sociedade, sem exploração do trabalho, que as pessoas ofereçam seus conhecimentos, que reconheçam o papel do outro", enfatiza Cristiane Ker de Melo, professora da UFSC de educação física, que atua na área de lazer, jogos e brinquedos, e intermediou a vinda do evento.

Diário Catarinense
Nós
"Mentira com pernas longas"

Mentira com pernas longas / Redes sociais / Fake News / WhatsApp /
Notícia falsa / Google Trends / Pós-verdade / Departamento de Jornalismo
/ Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Rogério Christofolletti /
Facebook / Sites / Blogs / Ibope / Pesquisa Brasileira de mídia / Faculdade
de Comunicação Social / Farmecos / PUC-RS / Fernanda Cristina
Vasconcellos / Fact-checking



MENTIRA COM PERNAS LONGAS

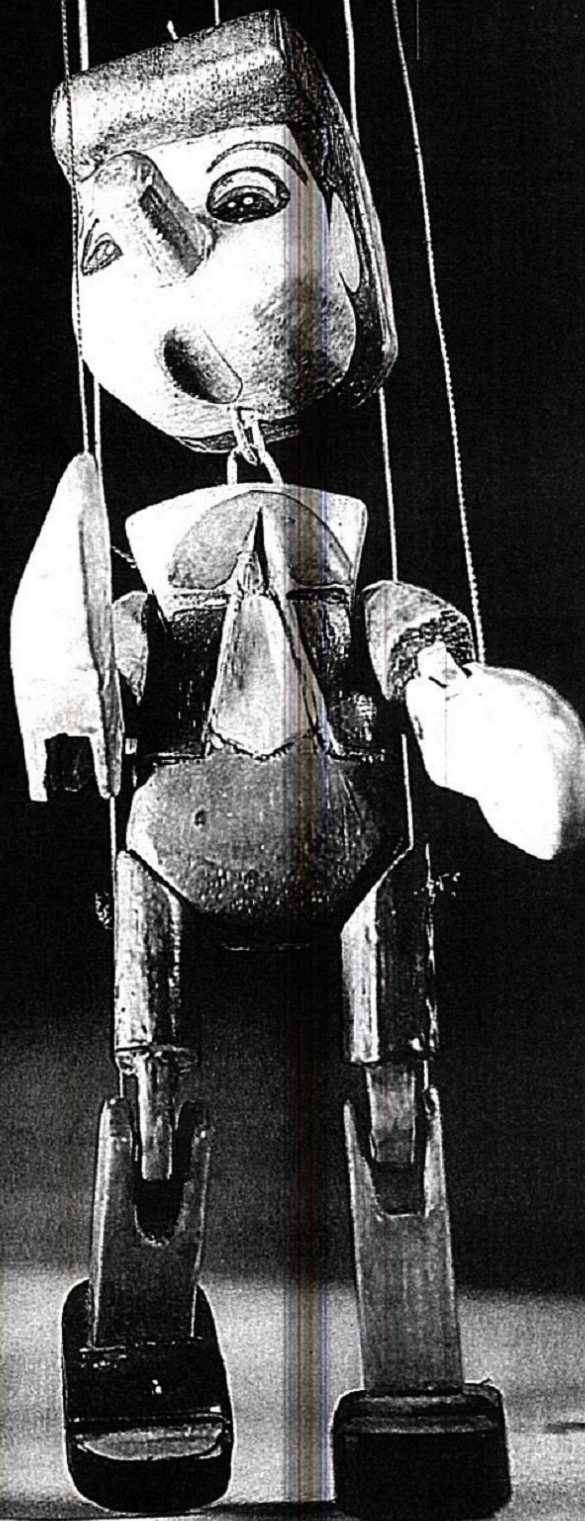
O AVANÇO DAS fake news preocupa empresas de tecnologia e de comunicação, impõe mais rigor na checagem dos fatos e reforça a relevância do jornalismo

EMERSON GASPERIN
emerson.gasperin@diariocatarinense.com.br

Fazia pouco mais de um mês que a jovem de Itajaí havia casado quando a notícia começou a viralizar. Amigos marcavam seu nome nas redes sociais, ligavam para perguntar o que estava acontecendo, confirmavam que tinham ido ao casamento. Mas de nada adiantaram os desmentidos. Em ritmo exponencial, a história foi sendo compartilhada, eventualmente seguida de uma risadinha ou comentário jocoso. Desde então, volta e meia a moça precisa explicar que não, ela não é a “noiva abandonada no altar após usar camiseta engraçadinha”.

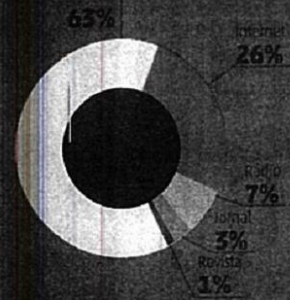
Na foto, ela aparece feliz da vida, rodeada por cinco amigas. Na cabeça, usa um véu. No peito, uma malha branca com a inscrição que, em português para menores, poderia ser traduzida como “quem teve o privilégio de experimentar seus encantos, que len bre de cada momento; quem não teve, jamais será punido pelo destino com outra oportunidade”.

No texto, a moça que aqui terá o anonimato preservado é uma moradora de Brasília de 24 anos chamada Thaís dos Santos. Faltando minutos para o casamento, seu noivo, Juan Castilhos, recebeu a tal imagem via WhatsApp, não gostou do que leu e a deixou plantada na igreja. Segundo o redator, elas alugaram um limusine e desfilaram pela cidade tomando espumante para comemorar a despedida de solteira. Depois, caíram na gandaia e deu no que deu. A própria noiva se desculpava, dizendo que estava “cazamiga”, bel-eu um pouco a mais e foi obrigada a vestir a camiseta, mas que ama o noivo.



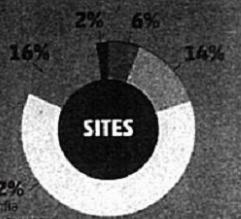
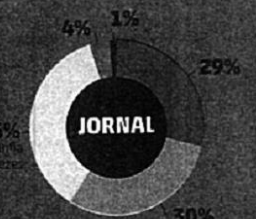
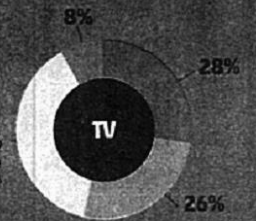
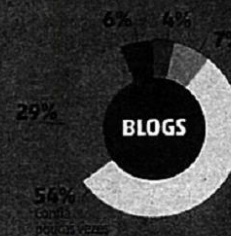
MEIO DE COMUNICAÇÃO USADO PARA SE INFORMAR SOBRE O BRASIL

Foram ouvidas 15.050 pessoas nos 26 Estados e no Distrito Federal. A margem de erro é de 1% para mais ou para menos.



CONFIANÇA NAS NOTÍCIAS QUE CIRCULAM NOS DIFERENTES MEIOS DE COMUNICAÇÃO

- Confia muito que
- Confia muitas vezes
- Confia poucas vezes
- Não confia
- Não sabe/sem respostas



Só a foto é verdadeira. O primeiro registro do uso da imagem identificando-a como a desventurada brasileira foi encontrado em um site genérico de fofocas. Um portal mineiro achou interessante e reproduziu. O poder multiplicador da internet se encarregou do resto. A partir da segunda quinzena de novembro do ano passado, o que era para ser uma saudosa recordação publicada em um perfil pessoal virou uma dor de cabeça para a moça de Itajaí:

- Já falei o suficiente, não quero mais falar sobre isso. Antes de adotar o silêncio, ela disse que o motivo sabia da despedida de solteira e da existência da camiseta marota. Que o boato tocou uma proporção que não imaginava. Que foi muito ofendida apenas por uma brincadeira sem maldade nenhuma. Que não fez nada de errado. E que casou - como mostram fotos dela no dia das núpcias com as mesmas amigas na mesma rede social - e continua casada, sim, senhor.

A moça de Itajaí foi vítima de uma *fake news*. Apesar de ter se popularizado recentemente, a expressão (notícia falsa, em inglês) nasceu no final do século 19. De acordo com o dicionário Merriam-Webster, em 1891 o jornal *The Buffalo Commercial* (de Buffalo, Nova York) já garantia que "o gosto público não aprecia as notícias falsas (...), como as que lhe foram servidas por um serviço noticioso local há um ou dois anos". Naquela época, podia até ser. Hoje, o público não só as aprecia como contribui de forma ativa para sua disseminação.

Conforme o Google Trends, que mede os termos mais procurados na web, as buscas por *fake news* se intensificaram no último novembro. A torrente de desinformação já havia sido creditada como uma das responsáveis pelo Brexit, a saída da Grã-Bretanha da União Europeia, decidida em referendo em julho. O ápice, porém, ocorreu durante a eleição presidencial dos Estados Unidos. Enquanto a "noiva abandonada" ainda estava prestes a bombar na internet brasileira, mentiras apresentadas como reportagens inundavam o cenário virtual americano, explorando tendências, estimulando preconceitos e manipulando estatísticas.

A vitória de Donald Trump, surpreendente por contrariar todas as pesquisas de intenção de voto, acendeu o alerta. Uma coisa é alguém ser prejudicado por alguma inverdade veiculada a seu respeito. Outra, com consequências muitíssimo maiores, é quando os dois países sinônimos da civilização ocidental têm seus destinos influenciados pela produção e distribuição sistemática de notícias falsas. O fenômeno preocupa empresas de tecnologia e de comunicação, impõe mais rigor na checagem dos fatos e reforça a importância do jornalismo como aliado indispensável à democracia.

Baleia, boato, caô, cascata, conto da carochinha, embromação, embuste, falcatura, farsa, fraude, godô, golpe, intrujice, logro, lorota, migué, patacoada, patranha, potoca, tapeação. Na virada de 2016 para 2017, a interminável lista de vocábulos relacionados à mentira ganhou um integrante ilustre: pós-verdade. O neologismo foi escolhido como a palavra do ano passado pelo respeitável dicionário britânico Oxford. Significa "fazer referência ou denotar circunstâncias em que fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que apelos à emoção e a convicções pessoais".

Achou eufemismo demais para definir o velho hábito de ludibriar o próximo? Experimente este, mais simples, mas igualmente revelador das intenções de quem o adota: fatos alternativos. Na novíngua (obrigado, George Orwell!) praticada pelo estafe de Trump, trata-se de "uma afirmação que contraria evidências, não se pode provar e continua sendo repetida oficialmente". Qualquer semelhança com a máxima do ministro da Propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels - "uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade" -, deve ser paranoia de algum eleitor de Hillary Clinton que não se conformou com a derrota.

O malabarismo semântico surgiu logo na posse do republicano, em 20 de janeiro. Era uma resposta àquelas que ousaram duvidar de que o público concentrado em Washington para vê-lo se tornar o homem mais po-

deroso do mundo havia sido o maior da história, como proclamou o porta-voz da Casa Branca. Afinal, tanto fotos quanto o volume de passageiros no metrô sugeriam que a assunção do antecessor, Barack Obama, atraíra mais gente. Coube ao âncora de um dos principais programas televisivos de debates políticos dos Estados Unidos, Chuck Todd, da BC encerrar o debate. "Fatos alternativos não são fatos", decretou.

- A pós-verdade funciona como um sistema paralelo de crenças, que abandona o racional e lida mais com o intuitivo - conceitua o professor de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pesquisador de mídia Rogério Christofoletti.

Daí a ampla receptividade a promessas de soluções simplórias para problemas complexos. Tanto faz se são inexecutáveis, inviáveis ou puramente fantasiosas. O que importa é acenar com alguma esperança, oferecer consolo, vislumbrar alguma luz no fim do túnel. Junte isso com a) uma população que cada vez mais se informa por meio de redes sociais sem contato com as fontes originais; b) a acirrada polarização política; c) a rapidez da propagação; e d) o interesse ideológico e, sobretudo, econômico em maximizar a distribuição e pronto, estão fornecidas as condições para engrassar o caldo da desinformação.

Christofoletti cita o levantamento do site BuzzFeed que aponta que, entre agosto e novembro do ano passado, as fake news tiveram 8,7 milhões de compartilhamentos no Facebook - singelezas como "Papa declara apoio a Trump" ou "agente do FBI que expôs e-mails de Hillary é encontrado morto". No mesmo período, as notícias convencionais - isto é, verdadeiras - foram compartilhadas 7,8 milhões de vezes.

- Não à toa, Facebook e outras partes interessadas criaram um fundo de US\$ 14 milhões para ajudar as pessoas a distinguir informações falsas. O sistema corre perigo - alardeia o professor, referindo-se ao programa que se propõe a melhorar a confiança no jornalismo.

Além da rede de Mark Zuckerberg, empresas como Google, Twitter, Washington Post, Le Monde e G1 já testam projetos de verificação e identificação da veracidade do conteúdo que veiculam. Como se o público fosse composto somente por inocentes que, inadvertidamente, passaram para frente a mentira que receberam.

Mal caiu o avião com o relator dos processos da Operação Lava Jato no Supremo Tribunal Federal (STF), o ministro Teori Zavascki, você deve ter clicado no vídeo com a revelação bombástica. Em roupas de ginástica, uma mulher loira revelava que uma fonte anônima da Aeronáutica tinha descoberto que o responsável por autorizar o voo, a despeito das condições climáticas adversas, fora um militar filiado a um partido político interessado no arquivamento das investigações. Toda serelepe, ela encerrava com um padrão clássico de fake news: o pedido para que a "informação" fosse compartilhada com o máximo de contatos.

O impressionante nesse caso não é uma "parajornalista" (categoria que está para o jornalista como um parafarmácia está para um médico) ter furado as dezenas de profissionais envolvidos na cobertura da queda da aeronave. O que mais espanta é alguém acreditar nisso, ainda que o cheiro de fraude exalasse por todos os bytes. Pois muitos acreditaram ou, mesmo sabendo que era mentira, repassaram - talvez a segunda opção seja menos pior, por pelo menos insinuar algum propósito por trás.

Até porque as pessoas são inclinadas a aceitar aquilo que reafirma o que elas acham. Reportagem da revista *New Yorker* de fevereiro mostra o quão difícil é mudar opiniões já cristalizadas. Os diversos experimentos mencionados convergem para a constatação de que, uma vez formadas, as impressões são notavelmente perseverantes, por mais que os fatos insistam em ir na direção contrária. Isso explicaria também porque sites, blogs e redes sociais, embora apresentem os menores percentuais de confiança entre os brasileiros ouvidos pelo Ibope na Pesquisa Brasileira de Mídia (ao lado), tem seus conteúdos tão compartilhados.



É UMA OPORTUNIDADE INCRÍVEL PARA O JORNALISMO RECUPERAR TERRENO E OS JORNAIS SE POSICIONAREM, RESPEITANDO SUAS CARACTERÍSTICAS E CONVENCENDO OS LEITORES DE QUE A INFORMAÇÃO PODE CHEGAR DEPOIS, MAS CHEGARÁ MELHOR

ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI,
Professor de Jornalismo da UFSC

DESCONFIÔMETRO LIGADO

Dicas para não acreditar em qualquer coisa que lê

- 1 Atenção com o endereço do site onde a notícia foi publicada. Se tiver dúvida, procure por seções equivalentes a "quem somos" ou "contato". Empresas jornalísticas sérias fazem questão de ter domínio próprio (nome@aempresa.com) e dispõem de canais de comunicação com o leitor.
- 2 Notícias falsas costumam apelar para a emoção: algo muito revoltante, muito triste, muito bizarro e por aí vai. Quando você pensa que aquilo não pode ser verdade, provavelmente a chance de que não seja mesmo é grande.
- 3 Independentemente do veículo que tenha sido o primeiro a publicar determinada notícia, se o assunto for de interesse (do) público os concorrentes irão replicá-la e tentarão avançar na apuração.
- 4 Veículos com credibilidade não precisam recorrer a textos com muitos pontos de exclamação e trechos com letras maiúsculas. Revelações "bombásticas" podem ser somente uma isca para você clicar.

CHEQUE VOCÊ MESMO

Algumas técnicas de verificação que dispensam conhecimento especializado ou softwares:

Busca de imagens reversa

Aquela foto sensacional pode até ser verdadeira, mas talvez refira-se a outro fato ou contexto. Descubra sua origem usando a busca de imagens reversa: acesse o Google Images (images.google.com), clique na imagem que deseja procurar e a arraste para a caixa de pesquisa. É possível fazer o processo também pelo TinEye (tineye.com).

Vídeos

Ferramenta simples da Anistia Internacional para checar se determinado vídeo não foi reaproveitado e está sendo oferecido a você como se fosse um novo evento. Basta inserir a URL (endereço) do vídeo em www.amnestyusa.org/citizen-evidence que aparecerá o tempo de upload e todas as imagens em miniatura associadas. Essas informações permitem a identificação da versão mais antiga - portanto, a original - de um mesmo vídeo. As imagens em miniaturas também podem ajudar na checagem: quando submetidas à pesquisa de imagens reversa, irão mostrar quais páginas da web contêm o vídeo.

Metadados

Fotos, vídeos e áudio tirados com câmeras digitais e smartphones contêm informações sobre a marca da câmera usada e a data, hora e local em que a mídia foi criada: Exchangable Image File (Exif). Leitores desses metadados como o Jeffrey Exif Reader (regex.info/exif.cgi) permitem que você carregue uma imagem ou digite a URL dela e, assim, descubra sua origem. Detalhe: enquanto aplicativos como WhatsApp e Flickr mantêm as informações Exif, Facebook, Instagram e Twitter as removem.

Manipulação de imagens

É um site que, com base na análise do nível de erro (Eia, na sigla em inglês), detecta as partes de uma imagem que podem ter sido modificadas com softwares como o Photoshop. Acesse forensic.com e carregue ou digite a URL da imagem suspeita. As áreas onde houver disparidades na qualidade - sugerindo a ocorrência de alterações - serão destacadas.

Condições do clima

Até as condições climáticas podem revelar a veracidade ou não de uma imagem. No WolframAlpha (www.wolframalpha.com), você consegue verificar o tempo em um momento e local específicos. Aí é só comparar o resultado do site com o que você vê na foto. Se naquele dia naquela cidade estava fazendo sol e a imagem mostra chuva, é lógico que alguém está mentindo.

Mapas online

Google Street View, Google Earth (uma fonte de imagens históricas de satélite) e Wikimapia (wikimapia.org) são ferramentas que podem desmascarar fotos ou vídeos suspeitos. Com elas, você consegue identificar se existem pontos de referência para a comparação, se árvores e montanhas ou a paisagem do local bate com o que está na imagem, por exemplo. Esses parâmetros são usados para checar vídeos ou fotos e verificar se eles foram ou não realmente capturados no local que afirmam terem sido gravados.

- Mas é um erro achar que estejam só "pregando para convertidos", ou seja, para quem já está predisposto a acreditar naquilo por concordar com o enunciado. Em paralelo, há um imenso contingente que está boiando e pode vir a aderir - pondera Christofletti.

A professora da Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da PUC do Rio Grande do Sul Fernanda Cristina Vasconcelos, amplia a discussão. Para ela, outro problema é que há uma indústria de fake news a serviço desta ou daquela causa, valendo-se do formato noticioso para disseminar suas visões de mundo. Ou, simplesmente, ganhar dinheiro.

- Cedo ou tarde, isso teria que ser estudado, mas o resultado da eleição nos Estados Unidos e do referendo na Inglaterra apressaram o processo - diz ela, que desde 2008 trabalha com jornalismo digital.

No exterior, o BuzzFeed denunciou que um dos polos difusores de fake news situa-se em Veles, uma cidade com menos de 50 mil habitantes na Macedônia. Lá, dezenas de sites produzem conteúdo repleto de click baits (iscas para serem clicados, como palavras que chamem a atenção). Neste modelo de negócio, notícias a favor de Trump ou contra Hillary visavam mais à monetização via ferramenta AdSense de anúncios do Google do que a convencer os internautas de que o republicano seria melhor presidente do que a democrata.

No Brasil, a Folha de S. Paulo apurou a existência de uma fábrica de fake news no interior de Minas Gerais, sede de sites como Pensa Brasil, Brasil Verde Amarelo, Diário do Brasil, Folha Digital, Juntos pelo Brasil, Jornal do País, Saúde, Vida e Família, Você Precisa Saber, Em Nome do Brasil, Folha de Minas, The News Brazil e Na Mira da Notícia. Todos faturam com conteúdos apelativos que impulsionam a audiência. Em dezembro, somente o Pensa Brasil, por exemplo, teve 701 mil visitantes únicos, com média de três páginas vistas por dia (os dados são da empresa comScore).

Na ponta oposta, fake news, "fatos alternativos" e toda a sorte de mentiras rotuladas como pós-verdade fazem crescer o nicho de fact-checking. A origem das empresas especializadas em checagem de fatos remonta a 1991, quando o canal

de TV por assinatura americano CNN incumbiu um de seus jornalistas de conferir se as declarações dos potenciais candidatos à presidência do país diziam a verdade. Em 2003, nasceu o primeiro site independente dedicado exclusivamente à atividade, o FactCheck.org, em funcionamento até hoje.

Entre seus similares nacionais estão a Lupa e o Aos Fatos, ambas criadas em 2015. A primeira é uma agência com oito funcionários (seis jornalistas), custeada pela revista Piauí e parceira da Folha de São Paulo e da rádio CBN. O outro é um site com três profissionais fixos e dois colaboradores (quatro jornalistas), que viabiliza sua operação mediante crowdfunding (financiamento coletivo) e apurações sob demanda. As duas se propõem a ensinar o público leigo a fazer suas próprias checagens.

- Nossa checagem só é publicada se houver fontes públicas. Se houver dados conflitantes, damos todas as versões - diz a subeditora da Lupa, Juliana Dal Piva.

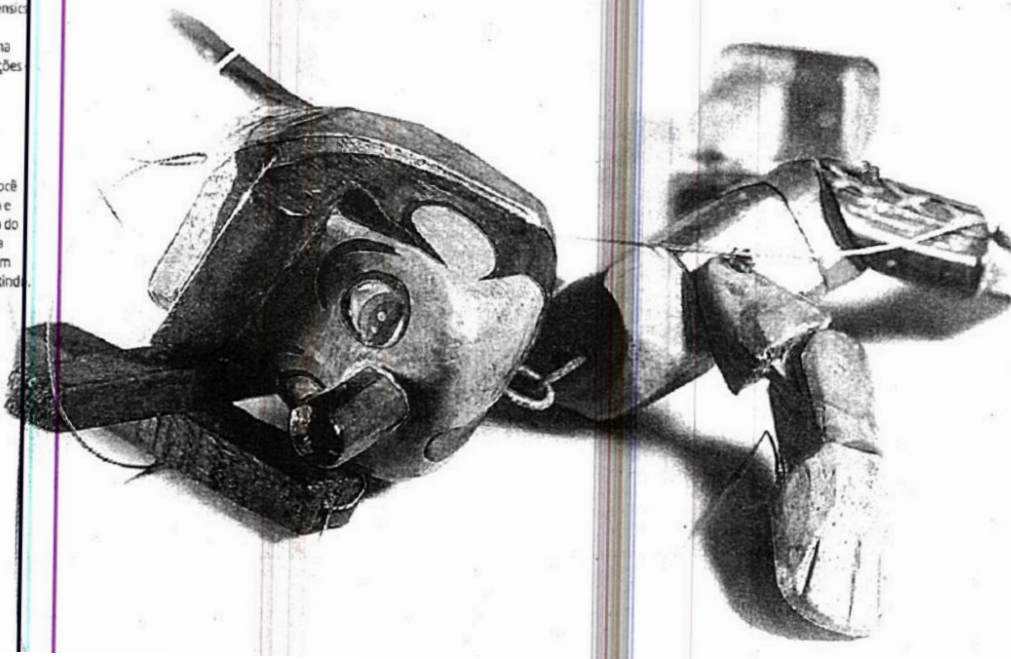
Na avaliação de Tai Nalon, cofundadora do Aos Fatos, ainda existe uma dependência muito grande de informações oficiais porque a cultura da transparência é muito recente no Brasil. Ela cita como exemplo a terceirização, assunto em que os dados públicos sobre o número de trabalhadores nesse regime são vagos e imprecisos.

- Aí recorremos a estudos independentes. Mas, como eles também podem ter seus interesses, informamos ao leitor: olha, tal fonte apoia tal entidade.

A ascensão desse tipo de segmento leva à outra questão: se empresas de fact-checking vieram para ficar, não significa que os veículos jornalísticos estão falhando em um de seus princípios básicos, a checagem? Juliana e Tai garantem que não. Por ser mais aprofundado, o serviço prestado por suas empresas requer mais tempo, mercadoria que quase nunca os jornais têm. Lupa e Aos Fatos são complementares, não concorrentes da mídia tradicional. Para o professor Christofletti, todos esses movimentos, com seus percalços, guinadas, recuos e avanços, irão contribuir para a qualidade do produto oferecido ao público.

- É uma oportunidade incrível para o jornalismo recuperar terreno e os jornais se posicionarem, resgatando suas características e convencendo os leitores de que a informação pode chegar depois, mas chegará melhor.

NÓS



Diário Catarinense
Sua Vida
"Por um tratamento completo"

Por um tratamento completo / UFSC / Florianópolis / SUS / Terapias complementares / Diva Martins da Rocha / Lagoa da Conceição / Acupuntura / Auriculoterapia / Ministério da Saúde / Reiki / Dança circular / Ioga / Sistema Único de Saúde / Organização Mundial da Saúde / Comissão de Práticas Integrativas e Complementares / SUS / Murilo Leandro Marcos / Médico da família / Elza Erotildes de Oliveira / Biodança / Terapia comunitária / Massoterapia / Charles Tesser / Departamento de Saúde Pública / Universidade Federal de Santa Catarina / Allan Nuno / Departamento de Atenção Básica / Piso de Atenção Básica / Brasil / Santa Catarina / Chapecó / Serviço de Atenção à Saúde do Trabalhador / Núcleo de Apoio à Saúde da Família / Itajaí / Blumenau / Criciúma / Joinville / Lages / Do-in / Lian Gong / Tai Chi Chuan / Chi Kung

POR UM TRATAMENTO

FLORIANÓPOLIS É REFERÊNCIA no Estado na implantação de terapias complementares à medicina tradicional no SUS, práticas devem ganhar força com nova portaria do governo

KARINE WENZEL*
karine.wenzel@diariocatarinense.com.br

Há pouco mais de dois meses, Diva Martins da Rocha, 79 anos, sentia fraqueza por todo o corpo, especialmente nas pernas. Após consultar com um médico e fazer tratamento convencional sem resultados e com os sintomas agravados, a moradora da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, só teve melhora quando agregou outros dois procedimentos no processo: acupuntura e auriculoterapia (quando são colocadas sementes em pontos da orelha para ativar órgãos e áreas do cérebro).

A oferta de procedimentos complementares como os procurados pela aposentada foi ampliada pelo Ministério da Saúde no final de março. Foram incorporados outros 14 tipos de terapias ao Sistema Único de Saúde (SUS), entre elas reiki, dança circular e ioga. Em Santa Catarina, Florianópolis é referência na oferta dos tratamentos complementares, já que 88% dos centros de saúde têm algum tipo de prática. Cálculos preliminares da secretaria de saúde apontam que, somente em 2016, pelo menos 12 mil atendimentos envolveram essas terapias na rede. Diva teve acesso após procurar o centro de saúde do bairro. Acompanhada da filha, foi atendida pelo médico da família Murilo Leandro Marcos que a orientou a fazer as terapias.

- Eu nunca tinha feito [acupuntura e auriculoterapia], mas me fez um bem que nem consigo explicar. Fiquei muito aliviada - afirma.

A aposentada também saiu do posto de saúde com uma receita médica, cujos remédios toma religiosamente, porque essas práticas são integrativas à medicina tradicional. Embora as apoie, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reforça que elas não substituem os tratamentos convencionais.

*- A gente pode tratar alergia, ansiedade, dor, hipertensão, qualquer coisa. A pessoa não deixa de tomar remédio, mas a gente vai incorporando essas práticas. Estamos falando de oferecer outra oportunidade de cuidado, de ampliar o olhar sobre o paciente - reforça Marcos, que integra a Comissão de Práticas Integrativas e Complementares do SUS em Florianópolis.

O médico da família explica que essas terapias são pouco invasivas e seguras, há comprovação científica dos benefícios. Um estudo feito no centro de saúde do Saco Grande, em Florianópolis, por exemplo, mostrou que o aumento da oferta de auriculoterapia diminuiu o uso de medicamentos como analgésicos.

POLÍTICA PARA DAR MAIOR VISIBILIDADE ÀS PRÁTICAS

A agente de saúde Elza Erotides de Oliveira, 58 anos, sentiu isso na prática. Quando ainda trabalhava com vendas, há 25 anos, tinha uma rotina estressante que desencadeou enxaqueca crônica. A dor não era resolvida com nenhum remédio. O problema foi aliviado depois de seis meses de acupuntura, recomendado no posto de saúde onde ela passou a atuar profissionalmente nove anos depois.

- Nunca mais tive enxaqueca, mas mantenho a acupuntura e os pontinhos na orelha para outras causas, como dores na coluna - resume a servidora pública.

Nos postos de saúde da Capital também há oferta de massoterapia, plantas medicinais, homeopatia, além de ioga, reiki, biodança e terapia comunitária - que já eram disponibilizados antes mesmo da portaria do Ministério da Saúde.

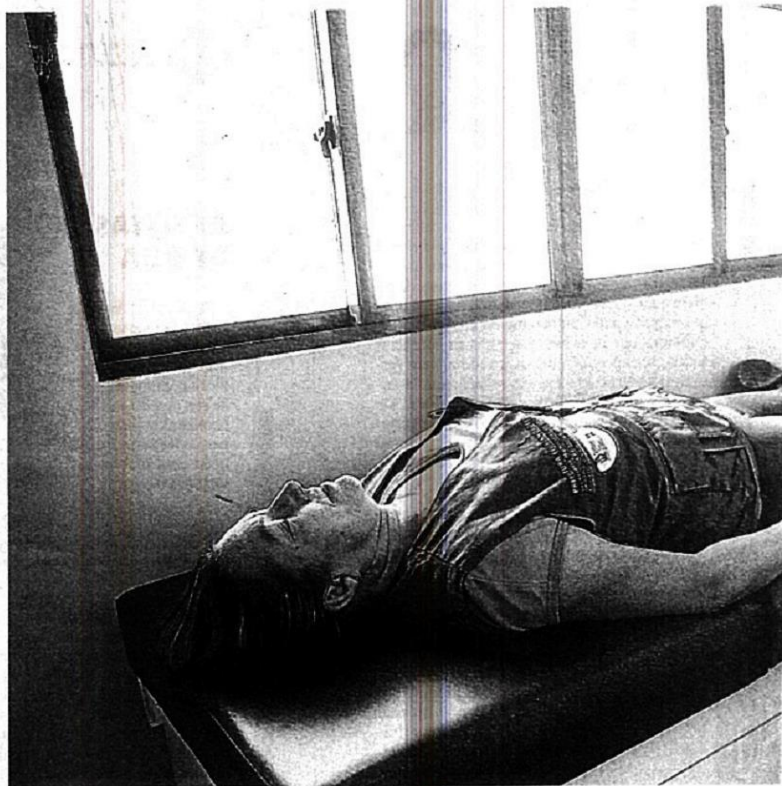
Para Charles Tesser, professor do departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a inclusão de novas terapias é um incentivo para que os profissionais do SUS registrem esses tratamentos:

- Isso vai gerar uma maior visibilidade dessas práticas, ainda pouco valorizadas e relativamente raras, embora cada vez mais presentes nos centros de saúde.

Allan Nuno, diretor do Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde, explica que com o reconhecimento de maior número de práticas, a expectativa é ampliar o número de unidades e municípios com oferta do serviço.

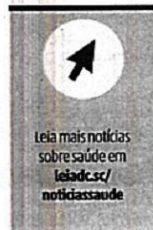
- Quando as pessoas buscam o médico elas já querem sair com a receita do medicamento, só que à medida que a unidade oferta as práticas integrativas, a população passa a reconhecer e exigir essas terapias - explica.

*Colaborou Gabriele Duarte

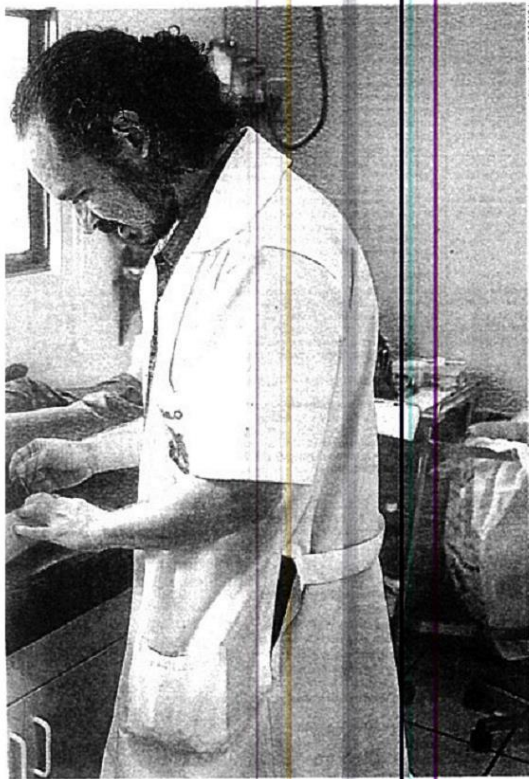


“
Eu nunca tinha feito [acupuntura e auriculoterapia], mas me fez um bem que nem consigo explicar. Fiquei muito aliviada.

DIVA MARTINS DA ROCHA
Aposentada



COMPLETO



Médico Murilo Leandro Marcos aplica técnicas de acupuntura – que já fazia parte da política nacional – em Elza Erotides de Oliveira para alívio de dor

Iniciativas em outras cidades de SC

Os recursos para as terapias complementares integram o Piso da Atenção Básica de cada município. Segundo o Ministério da Saúde, cada gestor local pode aplicar a verba de acordo com a prioridade. Na maioria dos casos, o serviço é resultado da iniciativa dos próprios profissionais que atuam nos postos. Em Florianópolis, Marcos explica que a formação é feita pela equipe da rede ou por meio de parcerias e que não há recursos específicos para esses procedimentos. Atualmente, 1.708 municípios e 28% das unidades básicas de saúde do Brasil oferecem práticas integrativas e complementares.

Em Santa Catarina, apesar de estarem mais disseminadas em Florianópolis, há pacientes em outros municípios catarinenses que também têm acesso às terapias complementares pelo SUS. Em Chapécó, desde 2012 são oferecidas práticas como homeopatia, medicina tradicional chinesa, massoterapia, pilates e shantala. Em 2016, foram uma média de 600 atendimentos mensais. As práticas são disponibilizadas pelo Serviço de Atenção à Saúde do Trabalhador e pelo Núcleo de Apoio à Saúde da Família.

Em Itajaí, são 5.168 usuários cadastrados

no serviço de acupuntura e homeopatia. Além disso, há atendimentos em grupos terapêuticos de Do-in (técnica de automassagem) e Lian Gong (prática corporal chinesa para prevenir e tratar dores). A gestão pretende ampliar o número de ofertas e construir um Centro de Reabilitação e Medicina Integrada no município.

Já em Blumenau, são desenvolvidas hortas comunitárias e medicinais e existem grupos de terapias alternativas como Tai Chi Chuan, Chi Kung (exercícios baseados na medicina chinesa e na respiração) e oficina de meditação. O município deve elaborar ainda neste semestre uma política municipal, a fim de tornar essas práticas oficiais.

Em Criciúma, são realizados encontros às quintas-feiras, uma vez ao mês, para discutir plantas medicinais. Em Joinville e Lagoinha, essas terapias não são oferecidas.

Mesmo diante de desafios, como a formação de profissionais e falta de recursos, a expectativa é que aumente a oferta dessas práticas no SUS. Em Florianópolis, por exemplo, já estão previstas novas formações em fitoterapia, com implantação de hortas nas unidades, em auriculoterapia, acupuntura e ioga neste ano.

POR DENTRO DAS TERAPIAS

Além de homeopatia, medicina tradicional chinesa, medicina antroposófica, plantas medicinais, fitoterapia e termalismo social, outros procedimentos foram incluídos em março na tabela do SUS. Eles fazem parte da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PIKs):



ARTERAPIA

Usa diversas técnicas expressivas como pintura, desenho, sons, música, modelagem, colagem, mímica, tecelagem, expressão corporal, escultura, dentre outras. Estimula a expressão criativa, auxilia no desenvolvimento motor, no raciocínio e no relacionamento afetivo, além de ajudar a lidar de forma mais harmônica com o estresse e experiências traumáticas.



AYURVEDA

São utilizadas técnicas de relaxamento, massagens, plantas medicinais, minerais, posturas corporais, técnicas respiratórias, exercícios e cuidado dietético.



BIODANÇA

Consiste em induzir vivências coletivas integradoras em um ambiente enriquecido com estímulos selecionados como músicas, cantos, exercícios e dinâmicas. Trabalha no sistema psicológico, neurológico, endócrino e imunológico.



DANÇA CIRCULAR

Prática de dança em roda, tradicional e contemporânea, originária de diferentes culturas que favorece a aprendizagem e a interconexão harmoniosa entre os participantes. Auxilia o indivíduo a tomar consciência do corpo físico, harmonizar o emocional, trabalhar a concentração, autoestima e estimular a memória.



MEDITAÇÃO

Instrumento de fortalecimento físico, emocional, mental, social e cognitivo. A prática traz benefícios para o sistema cognitivo, promove a concentração, auxilia na percepção sobre as sensações físicas e emocionais ampliando a autodisciplina no cuidado à saúde.



MUSICOTERAPIA

É a utilização da música e seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia), em grupo ou de forma individualizada. Favorece o desenvolvimento criativo, emocional e afetivo e, fisicamente, ativa o tato e a audição, a respiração, a circulação e os reflexos.



NATUROPATIA

Apoia e estimula a capacidade intrínseca do corpo para curar-se. Utiliza diversos recursos terapêuticos como plantas medicinais, águas minerais e termais, aromaterapia, fitoterapia, massagens, recursos expressivos, terapias corpo-mente e mudanças de hábitos. Dá ênfase à prevenção de agravos e doenças e à promoção da saúde.



OSTEOPATIA

É um método diagnóstico e terapêutico que atua no indivíduo de forma integral a partir da manipulação das articulações e tecidos. O foco do tratamento é detectar e tratar as chamadas disfunções somáticas, que correspondem à diminuição de mobilidade.



QUIROPRAXIA

São utilizadas as mãos para aplicar uma força controlada na articulação, pressionando além da amplitude de movimento habitual. Objetivo é causar influência nas funções articulares e neurofisiológicas.



REFLEXOTERAPIA

Parte do princípio que o corpo se encontra atravessado por meridianos que o dividem em diferentes regiões. Cada uma destas regiões tem o seu reflexo, principalmente nos pés ou nas mãos. São massageados pontos-chave que permitem a reativação da homeostase e equilíbrio das regiões do corpo.



REIKI

É uma prática de imposição de mãos que usa a aproximação ou o toque sobre o corpo da pessoa com a finalidade de estimular os mecanismos naturais de recuperação da saúde. Ativa glândulas, órgãos, sistema nervoso, cardíaco e imunológico, auxilia no estresse, depressão, ansiedade, promove o equilíbrio da energia vital.



SHANTALA

É uma prática de massagem para bebês e crianças, composta por uma série de movimentos pelo corpo, que permite o despertar e a ampliação do vínculo cuidador e bebê. Possibilita a estimulação das articulações e da musculatura da criança auxiliando significativamente no desenvolvimento motor.



TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA (TCI)

É um espaço de acolhimento do sofrimento psíquico, que favorece a troca de experiências entre as pessoas. Tendo a possibilidade de ouvir a si mesmo e aos outros participantes, a pessoa pode atribuir outros significados aos sofrimentos, diminuindo o processo de somatização e complicações clínicas.



IOGA

É uma prática que combina posturas físicas, técnicas de respiração, meditação e relaxamento. Atua como uma prática física, respiratória e mental. Fortalece o sistema músculo-esquelético, estimula o sistema endócrino, expande a capacidade respiratória e exercita o sistema cognitivo.

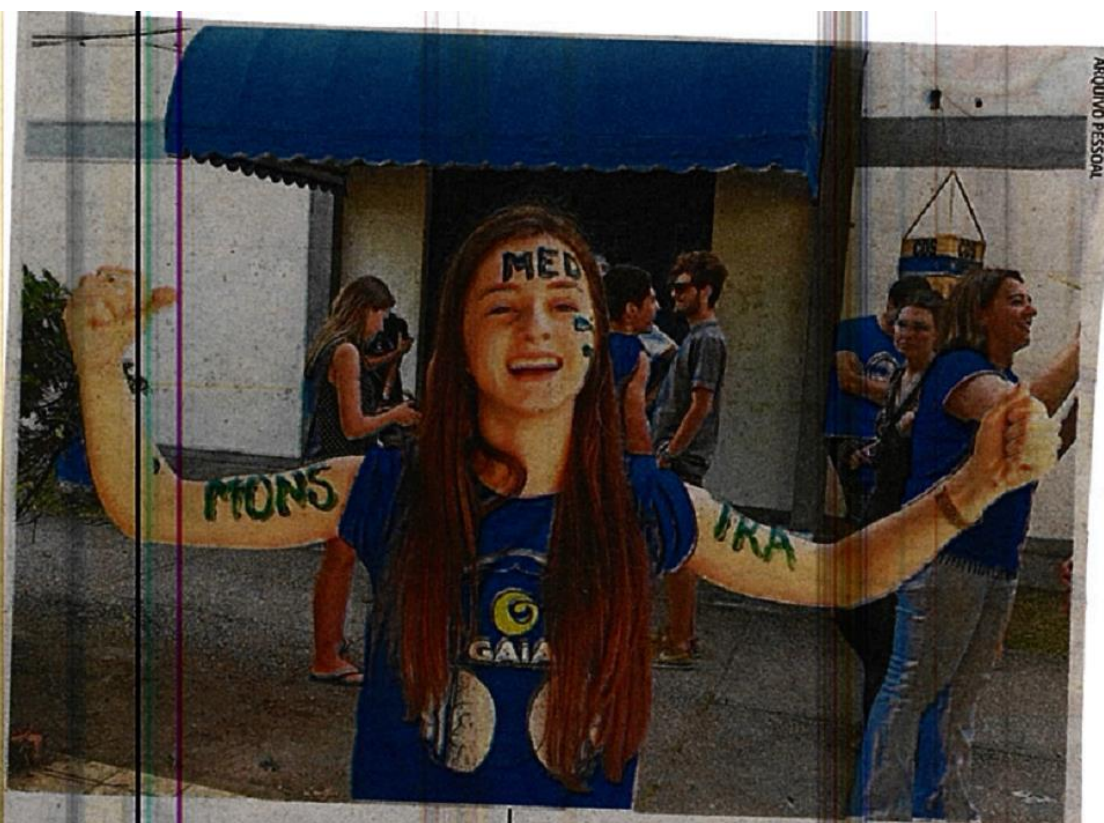
Fonte: Ministério da Saúde

COMO TER ACESSO ÀS PRÁTICAS NO SUS

- Os serviços serão prestados na atenção básica, em uma das Unidades Básicas de Saúde (UBS).
- Cada gestor define quais das 19 terapias vai ofertar e em quais unidades.
- Para fazer o acompanhamento, o paciente deverá receber atendimento médico em uma das UBS e ter a terapia receitada pelo profissional.

Diário Catarinense
Rafael Martini
"Letras compartilhadas"

Letras compartilhadas / UFSC / Giulia Scapini / Curso de Medicina /
Secretaria de Educação municipal / Programa Floripa Letrada / Transporte
coletivo / Curitibanos / Vestibular 2015 / Universidade Federal de Santa
Catarina



LETRAS COMPARTILHADAS

Giulia Scapini, estudante do terceiro semestre de Medicina da UFSC, esteve recentemente na Secretaria de Educação municipal para doar 11 livros e apostilas de cursinho ao programa Floripa Letrada. O projeto disponibiliza publicações aos usuários de transporte coletivo, em cinco terminais de ônibus da Capital. E foi lá, gratuitamente, que ela se abasteceu de obras voltadas para física, matemática, química e geografia, principalmente. Resultado: a jovem de Curitibanos, que bateu na trave em 2014, passou em sétimo lugar no vestibular em 2015 no curso mais disputado da Universidade Federal. O Floripa Letrada já distribuiu gratuitamente mais de 1,7 milhão de livros e revistas à população da Grande Florianópolis.

Notícia do Dia
Néri Pedroso
"Resistência"

Resistência / UFSC / Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade Federal de Santa Catarina / Exposição / Arte indígena contemporânea / It was Amazon / Era uma vez Amazônia / Jaider Esbell / Makuxi / Roraima / Florianópolis / Reserva Raposa Serra do Sol / Normandia / Prêmio PIPA on-line



Resistência

O Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) abre com um ritual na próxima terça, às 16h, a exposição de arte indígena contemporânea "It was Amazon/ Era uma vez Amazônia", do premiado Jaider Esbell do povo makuxi, de Roraima. A itinerância da mostra, iniciada no Nordeste no ano passado, chega a Florianópolis, onde o artista faz residência no NACasa Coletivo Artístico. Arte de resistência, os 16 desenhos em preto e branco discutem sustentabilidade e a realidade indígena, além de sinalizar a urgência de uma nova política com o índio, seus saberes e expectativas. Da Reserva Raposa Serra do Sol em Normandia, Jaider vive na capital Bod Vista, onde mantém uma galeria de arte indígena contemporânea. Vencedor do Prêmio PIPA on-line em 2016, já deu aulas e expôs no Pitzer College (EUA), onde permaneceu por oito meses.

Diário Catarinense
Cacau Menezes
"Ficoo"

Ficoo / UFSC / Festival Internacional da Cooperação / Floripa / Centro de Desportos / Projeto Cooperação



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

08/04/2017

[Aprovada em Medicina com livros emprestados pelo projeto Floripa Letrada retribui doações](#)